

ASPECTOS DA RECEPÇÃO CRÍTICA DA OBRA DE BERNARDO ÉLIS *

Zênia de Faria

Muito se falou sobre a obra de Bernardo Élis e pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis. Essa afirmação aparentemente paradoxal, que tentaremos justificar ao longo desta conferência, foi, na verdade, a hipótese geradora do trabalho que ora apresentamos, e resultou de um antigo questionamento de nossa parte sobre a obra desse autor.

Conhecendo, de longa data, como leitora, a excelência da obra de Bernardo Élis, comprovada das mais diversas formas e nas mais diferentes ocasiões, surpreendia-nos a impressão que tínhamos de que havia uma certa discrepância entre a excelência dessa obra e a crítica que conhecíamos sobre ela. Em outros termos, o que conhecíamos dessa crítica tinha nos deixado a impressão de que, numa produção que é um verdadeiro filão de ouro para qualquer estudioso da literatura, os críticos pareciam preocupar-se apenas com alguns poucos de seus aspectos, ou seja: a linguagem regional, sobretudo a transposição da oralidade; o caráter

* Conferência apresentada no 1o. Seminário de Literatura Goiana, realizado na Universidade Federal de Goiás, de 2 a 6 de setembro de 1985.

Mestre em Letras Modernas pela Universidade de Limoges — França. Professora Titular junto ao Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, onde leciona Literatura Francesa e Teoria da Literatura.

de documentário das gentes e costumes de Goiás, que marca a obra; seu caráter de literatura de denúncia ou de cunho social.

A melhor maneira de verificarmos se essa impressão era fruto de nosso desconhecimento da maior parte da crítica feita à obra de Bernardo Élis — por não termos tido acesso a ela, ou por não termos tido notícia de sua existência — era procedermos a um estudo mais sistemático da recepção de Bernardo Élis. Não sendo o tempo de uma conferência suficiente para a apresentação de um estudo abrangente de toda a recepção crítica da produção literária de Bernardo Élis, vimo-nos forçada a restringir nossa análise à crítica publicada entre 1944 e 1969 sobre a obra de ficção de nosso autor.

Para analisarmos a recepção da obra de Bernardo Élis nesse período, vamos partir de uma rápida reflexão sobre a noção de recepção. De acordo com Karlheinz Stierle, “a recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio de um texto, desde a simples compreensão até a diversidade de reações por elas provocadas”¹. Se aceitamos essa noção de recepção, aceitamos o fato de que o objetivo do estudo da recepção de um autor não é estabelecer “a interpretação correta de uma obra”, nem “a verdade” contida num texto, de vez que o mesmo pode possibilitar várias interpretações e encerrar uma multiplicidade de verdades. De fato, a obra literária, do ponto de vista material, é um produto acabado, estático. No entanto, o leitor dá vida à obra quando, ao estabelecer com ela um diálogo, põe em movimento as potencialidades nela existentes. Considerando que cada leitor possui disposições recepcionais diferentes, a sucessão de diálogos de diferentes leitores com o mesmo texto atualiza as potencialidades nele existentes em seus múltiplos aspectos.

No caso específico de Bernardo Élis, como partimos do pressuposto de que “muito se falou e pouco se falou sobre sua obra” analisaremos o processo de recepção dessa obra, orientada pelas seguintes questões sobre a mesma: quanto se falou, quem falou, quando se falou, o que se falou, do que se falou? Embora sejam essas as questões que tomaremos como ponto de partida, não nos ocuparemos delas, forçosamente, na ordem citada. Aliás, poderemos voltar de uma a outra, com freqüência. Iniciaremos este estudo pela primeira parte de nossa assertiva, ou seja: “muito se falou sobre a obra de Bernardo Élis”.

De fato, muito se falou sobre a obra de Bernardo Élis, se considerarmos que sua produção literária foi alvo de comentário de toda a crítica brasileira, desde que seu primeiro livro, *Ermos e Gerais* foi publicado

1 STIERLE, Karlheinz. *Que significa a recepção dos textos ficcionais*. In: COSTA LIMA, Luiz (org. e trad.). *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 135.

em 1944. De norte a sul do país, os críticos mais renomados se manifestaram sobre essa primeira coletânea de contos, em colunas literárias dos mais diversos jornais e em diferentes tipos de revistas. Com raras exceções, essas críticas foram elogiosas. Mesmo aqueles que, exercendo plenamente sua função de crítico, apontaram o que, para eles, era uma falha na obra, sempre louvaram o talento de Bernardo Élis. Monteiro Lobato, por exemplo, reunindo o louvor à crítica, criticou, em Bernardo, seu excesso de talento: "**Quod abunda nocet**. O livro está prejudicado pelo excesso de talento do autor. Como derrama! . . ." ²

Em 1985, pode parecer natural que a imprensa nacional se manifeste sobre as publicações de autores goianos. No entanto, o mérito de Bernardo Élis é bem maior, se pensarmos no isolamento de Goiás, em 1944, com relação aos outros Estados brasileiros, principalmente com relação aos maiores centros culturais do país, Rio e São Paulo, cuja crítica, de certa forma, detinha o poder de vida ou morte sobre o valor de uma obra literária. Aliás, esse isolamento foi mencionado, por diversas vezes, pelos críticos. Herman Lima, nosso grande estudioso do conto, em um artigo que escreveu sobre Bernardo Élis, em 1945, na revista **Vamos Ler**, expressando seu espanto por encontrar, naquela época, em Goiás, um contista como Bernardo, caracterizava esse Estado como uma "terra que ainda é pouco mais do que incógnita em nossa geografia humana . . .", dizendo, mais adiante, tratar-se de "uma província que até bem pouco nos dava, apenas, com o fumo goiano, os diamantes do Araguaia e os contos de Hugo de Carvalho Ramos . . ." ³ Também, a esse respeito, comentava Dias da Costa, em um artigo que escreveu sobre **Ermos e Gerais**, em 1947:

Como o Brasil continua sendo, em literatura mais do que em qualquer outra coisa, um país que ainda se divide em corte e província, o livro do Sr. Bernardo Élis não teve a repercussão que, em verdade merece. (. . .) Porque quem como o Sr. Bernardo Élis, surgindo em volume, apresenta desde logo, qualidades inatas de escritor ligadas ao maior conhecimento de temas e paisagens que utiliza, alcançando, na maioria das vezes, um equilíbrio marcante na dosagem das emoções, não pode ser ignorado pela crítica nacional . . . ⁴

Apesar desse isolamento, Bernardo Élis foi o primeiro autor goiano, depois de Hugo de Carvalho Ramos, a transpor as fronteiras do Estado de Goiás e a transpô-las definitivamente, como sabemos.

2 LOBATO, Monteiro. Carta escrita a Bernardo Élis em 5 de outubro de 1944.

3 LIMA, Herman. Escritor a Oeste. **Vamos Ler**. Rio de Janeiro, 474:40, ago. 1945.

4 COSTA, Dias da. **Ermos e Gerais**. **Literatura**. Rio de Janeiro, 5:50, jul/set. 1947.

Mais importante do que citar o número de críticas feitas a uma obra, importa saber de quem foram as vozes que se manifestaram sobre ela. Se esse fato foi sempre um salvo-conduto para a posteridade de um autor, Bernardo Élis tem esse salvo-conduto com relação a todos os seus livros de ficção. Não seria possível citar aqui todos os nomes importantes da crítica nacional que se manifestaram, geralmente em termos superlativos, sobre o valor da produção literária de Bernardo. Por isso, citaremos apenas alguns deles: Monteiro Lobato, Tristão de Athayde, Herman Lima, Afonso Schmidt, Mário de Andrade, Waldemar Cavalcanti, Sérgio Milliet, Guimarães Rosa, Franklin de Oliveira, Francisco de Assis Barbosa, Laís Correa de Araújo, Dirce Cortes Riedel, dentre outros do panorama nacional, além dos nomes mais expressivos ligados às letras, em Goiás.

Por outro lado, caso raro na vida de um escritor, todas as obras de ficção de Bernardo Élis receberam os prêmios mais significativos no Brasil, no campo das letras: não só os prêmios para os quais o próprio autor se inscreveu mas, também, prêmios como JABUTI, que a Câmara Brasileira do Livro atribui a obras, por indicação espontânea de críticos de maior renome do Brasil. Cada premiação era uma ocasião a mais para que toda a imprensa nacional voltasse a louvar os méritos da produção literária de nosso autor.

Assim como Bernardo Élis foi o primeiro escritor contemporâneo, de Goiás, a transpor as fronteiras deste Estado, foi o primeiro e único autor goiano a entrar na Academia Brasileira de Letras. A cada momento desse percurso de sua carreira literária, muito se falou em Bernardo Élis. Hoje, esse autor faz parte de diversas antologias de contos brasileiros publicados no Brasil, é incluído nas modernas histórias literárias do país e, além disso, tem sua obra estudada em teses e dissertações de Pós-Graduação. Assim como transpôs as fronteiras de Goiás, Bernardo Élis transpôs as fronteiras do Brasil: inicialmente, quando teve suas publicações comentadas em revistas estrangeiras, como a do Pen International⁵ e a da Universidade de Oklahoma⁶; mais tarde, quando seu conto "Nhola dos anjos e a cheia de Corumbá" foi incluído numa antologia de contos brasileiros, organizada por Curt Mayer Clarson, em tradução alemã, em 1969⁷.

5 RONAI, Paulo. Bernardo Élis. *Veranico de Janeiro (Jours de sécheresse en janvier)*. International. P.E.N. Bulletin of selected Books. 17 (2): 44, 1966.

6 FOSTER, David William. Bernardo Élis. *Veranico de Janeiro*. University of Oklahoma Press. Norman, Oklahoma, Jul, 1967.

7 ÉLIS, Bernardo. *Nhola von der Engeln und die Überschwemmung von Corumbá*. In: *Die Reier und andere brasilianische Erzählungen*. Baden. Horst Echmann, 1967. p. 223-230.

Todos esses fatos que acabamos de apresentar confirmam a primeira parte de nossa afirmação de que "muito se falou sobre a obra de Bernardo Élis". Contudo, continuaremos a ilustrar essa afirmação tentando analisar que facetas da obra desse autor foram comentadas, partindo, agora, das questões já anunciadas: o que se falou? do que se falou? Tentando responder a tais questões abordaremos esse aspecto realmente dinâmico da recepção — o diálogo leitor/obra — que atualiza as potencialidades existentes num texto e nos permite ter dele uma visão mais abrangente. O leitor a que nos referimos aqui são os críticos.

Uma das tarefas do crítico é julgar. Vejamos, pois, alguns dos julgamentos sobre Bernardo Élis. Em 1944, Herman Lima dizia: "Bernardo Élis foi a maior revelação de ficcionista brasileiro nos últimos dez anos"⁸. Em 1945, Ildeu Brandão, em *O Estado de São Paulo*, afirmava sobre *Ermos e Gerais*: "Bastaria um só conto do livro, um só, para a consagração desse escritor de talento invulgar"⁹; Alexandre Konder, disse, no *Jornal do Rio de Janeiro*, em 1946, ser *Ermos e Gerais* "[...]o que de melhor nos tem dado a literatura do conto nacional nos últimos tempos"¹⁰. Em 1966, em *O Globo*, Antônio Olinto considerou Bernardo Élis "[...]dos melhores contistas do Brasil, em qualquer tempo e qualquer época"¹¹.

Ao estudar a produção literária de um autor, alguns críticos se preocupam em situá-lo, a partir de suas características, dentro da série literária. No caso do nosso Acadêmico, os críticos não fugiram a essa regra. Assim é que, referindo-se a *Ermos e Gerais*, afirmou João Acioli não ser possível "enquadrá-lo nas linhas rígidas de determinada escola"¹². Tristão de Athayde, porém, considerou que *Ermos e Gerais* apresenta "uma concepção radicalmente naturalista da vida", mas que o "naturalismo extremado de Bernardo Élis assume o aspecto de um romantismo às avessas"¹³. Ildeu Brandão considerou nosso autor um "Maupassant cem por cento, mas um Maupassant arestoso e brutal"¹⁴. Embora Herman Lima tenha chamado Bernardo de "Maupassant das Brenhas", em outra parte do mesmo artigo, aproximou-o dos naturalistas de Médan, ou seja, um naturalista de tendência tipicamente zoliana¹⁵. Analisando *Veranico de*

8 LIMA, Herman. Três contistas cearenses. *A Manhã*. Pensamento da América. 12: 177, 22 dez. 1971. Suplemento panamericano.

9 BRANDÃO, Ildeu. *Ermos e Gerais*. *O Estado de São Paulo*. 6 out. 1945.

10 KONDER, Alexandre. Quatro grandes valores humanos. *Jornal do Rio de Janeiro*. Abr. 1946.

11 OLINTO, Antônio. Lançamento. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 mar. 1966. Porta de Livraria.

12 ACCIOLI, João. Livros de Goiás. *O Popular*. Goiânia, 7 dez. 1944.

13 ATHAYDE, Tristão. Livros recebidos. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 29 out. 1944. Vida Literária.

14 BRANDÃO, I. Op. Cit.

15 LIMA, Herman. *Escritor a Oeste. Vamos Ler*. Rio de Janeiro, 474: 41 e 63, ago. 1945.

Janeiro, Bruna Becherucci considerou que os contos desse livro se situavam entre a linha épica e realista¹⁶ ao passo que Ezio Pires o situou dentro do realismo crítico¹⁷. Segundo David William Foster, o autor de *Veranicô de Janeiro* "possui um talento particular para o poético, atingindo em ocasiões o realismo mágico da maioria dos vultos da literatura latino-americana contemporânea"¹⁸.

Para outros críticos, uma maneira econômica de situar um autor é utilizar a comparação com outros autores, ou referir-se a uma possível influência recebida. Desse modo, para alguns críticos, Bernardo Élis se aproxima de Waldomiro Silveira; para outros, ele teria recebido a influência de Lobato, de Camilo ou de Fialho. Alguns viram na obra de Bernardo a influência de Poe ou Hoffmann; outros consideram que ele se aproximaria mais de Kafka ou Gogol. Diante de tantas afirmações diferentes, poderíamos parafrasear o que se disse de Vinícius de Moraes: Bernardo Élis não é um só, são tantos.

Bernardo Élis é um escritor regionalista. Parece que a esse respeito não há nenhuma dúvida. No entanto, as vertentes do regionalismo são múltiplas e, considerando que o ponto de partida para o estudo da produção literária desse autor tem sido seu caráter regionalista, dois problemas surgem, com freqüência, quando se trata de analisar esse aspecto: a) saber em que vertente do regionalismo se situaria Bernardo Élis; b) considerar como critério de valor o próprio fato de uma literatura ser ou não regionalista.

Quando da publicação de *Ermos e Gerais*, Tristão de Athayde dizia que seu autor passava "a figurar entre nossos bons regionalistas na linha de Afonso Arinos, Waldomiro Silveira, Monteiro Lobato e Dionálio Machado"¹⁹. Em 1966, em um artigo do *Jornal do Brasil*, o mesmo Tristão de Athayde comentava que os contos de *Veranicô de Janeiro* consagravam definitivamente Bernardo Élis "não só como um dos nossos maiores regionalistas, mas ainda como em marcha para a própria superação do regionalismo. Como aconteceu com Guimarães Rosa"²⁰. Já, em 1944, Sérgio Milliet considerava o regionalismo de Bernardo "um regio-

16 BECHERUCCI, Bruna. Contos inspirados na terra. *O Estado de São Paulo*. 13 mai. 1965. Supl. Feminino.

17 PIRES, Ezio. Bernardo Élis em seu livro premiado e campanha imortal. *Correio Braziliense*. Brasília, 17 mai. 1966.

18 FOSTER, D.W. Op. cit.

19 FOSTER, D.W. Op. cit.

20 ATHAYDE, Tristão. Regionalismo Universalista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966.

nalismo revigorado"²¹. Na nota introdutória que escreveu para a 2a. edição refundida do *Tronco*, em 1967, Francisco de Assis Barbosa afirmou:

Desde o aparecimento de Ermos e Gerais, em 1944, Bernardo Élis se tornou vanguardeiro de um novo ciclo da ficção brasileira — a do sertanismo goiano-mineiro. Cronologicamente, é ele o primeiro. Vieram depois Guimarães Rosa (Sagarana é de 1946), Mário Palmérico (com Vila dos Confins, em 1956) e José J. Veiga (Os Cavalinhos de Platiplanto, 1959).

Segundo F. de Assis Barbosa, Ermos e Gerais está para esse novo ciclo goiano-mineiro, como "um marco, uma antecipação, da mesma forma que a Bagaceira está para o ciclo nordestino".

Quanto ao segundo problema aventado — considerar como critério de valor o próprio fato de uma literatura ser ou não regionalista — vários críticos consideram que a literatura regionalista tomada em seu sentido mais restrito é limitada como arte. Na verdade, essa literatura só tem valor, dizem eles, quando se torna Universal. Domingos Carvalho da Silva (em 1966) e Almeida Fischer (em 1968) criticam a literatura regionalista de temática e de linguagem produzida em Goiás e Minas, e citam particularmente os livros de Bernardo Élis. Segundo Almeida Fischer, "estamos hoje em diálogo com o mundo e não será através do dialeto regional, do dialeto municipal e do dialeto distrital que iremos conseguir algum entendimento com o mundo"²². Na mesma linha de reflexão, Domingos Carvalho da Silva considera que "nenhum ficcionista ou poeta deve ocultar-se sob uma linguagem cifrada e temas municipais". Além disso, afirma que "o regionalismo limita tanto em extensão quanto em profundidade". Considera a obra de Bernardo Élis apenas "como documento para estudiosos da fala do interior goiano" e, segundo ele, esse regionalismo "aproxima-se do folclórico e do popularesco, o que implica quase sempre o empobrecimento intelectual de qualquer obra"²³.

Se esses dois autores vêem o regionalismo de Bernardo Élis no sentido mais restrito, vários outros autores são de opinião que a produção literária de Bernardo Élis tem sentido Universal. Em seu já citado artigo, comentando o sentido universalista da obra de Bernardo Élis, assim se exprime Tristão de Athayde:

21 MILLIET, Sérgio. Regionalismo. *O Estado de São Paulo*. 27 dez. 1966. De hoje e de sempre.

22 FISCHER, Almeida. Geração de 22 adere à Ditadura. *Cinco de Março*. Goiânia, 27 mai. 1968.

23 CARVALHO DA SILVA, Domingos. Veranico de Janeiro ou a ficção como pretexto. *Diário de São Paulo*. 24 abr. 1966.

*Toda obra literária cresce, em qualidade, na razão direta de sua universalidade. O que nada impede que seu tema possa ser limitado. Nada mais regional do que a Guerra de Troia. Nada mais Universal do que a Ilíada*²⁴.

Aguinaldo Silva vê o regionalismo de Bernardo Élis, do seguinte modo:

*Chamar de contos regionais goianos às histórias de Bernardo Élis como o faz Wilson Louzada na 'orelha' de Veranico de Janeiro é impor ao autor — e ao leitor — uma aparente limitação que, na realidade, não existe no caso. As histórias contidas nesse livro, todas imersas no mesmo ambiente de violência e brutalidade, refletem, sem dúvida, a dura realidade do meio físico social ao qual a ficção do autor está fixada: Mas Bernardo Élis se torna Universal — a sua grandeza está exatamente nesse ponto — ao ser lúcido bastante para denunciar não apenas a violência e a brutalidade do homem e do meio, mas a causa de tais fatos, a estrutura social na qual eles se inserem*²⁵.

Vejamos, agora, as posições de alguns críticos no que diz respeito à relação da obra de Bernardo com a realidade, ou seja, ao seu caráter documentário ou ao problema da verossimilhança da mesma. Segundo Eli Brasiense, *Ermos e Gerais* é um verdadeiro documentário de nossa região. Para ele, os contos desse livro "são reportagens perfeitas e vivas dos conflitos que andam esparsos nesse oco do mundo . . ." ²⁶. Já, Tristão de Athayde, referindo-se ao mesmo livro, diz que "o perigo do realismo exagerado é não ser muito real" ²⁷. Mário de Andrade, numa carta enviada a Bernardo Élis, em 1944, dizia:

*Você tem a qualidade principal para quem se aplica à ficção: dom de impor na gente, de evidenciar "sua" realidade, pouco importando que sua realidade seja ou não seja o real da vida real. (. . .) enfim a gente jamais percebe nos escritos de você aquele ranço de documento tão prejudicial à ficção legítima*²⁸.

24 ATHAYDE, T. Regionalismo Universalista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966.

25 SILVA, Aguinaldo. Bernardo Élis dono dos gerais. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1968. Livros.

26 BRASILIENSE, Eli. Um cinematografista do barulho. *O Popular*. Goiânia, 8 out. 1944.

27 ATHAYDE, T. Livros recebidos.

28 ANDRADE, Mário de. Carta escrita a Bernardo Élis em 30 nov. 1944.

Em seu artigo "Saga de Espanto", assim se pronunciava Dirce Cortes Riedel a respeito desse faceta dos contos de Bernardo:

*O documentário de costumes e tradições, o depoimento político-social estão implícitos nas propriedades estruturais dos dois primeiros contos de Veranico de Janeiro, são inerentes à sua configuração artística*²⁹.

Outra faceta da obra de nosso autor, comentado com uma certa frequência pelos críticos, foi o que se considerou "excesso de brutalidade ou de violência". Aliás, esse aspecto foi visto de forma negativa por alguns críticos. Tristão de Athayde, por exemplo, via o excesso de violência dos contos de **Ermos e Gerais** como "um 'parti-pris' que lhe tira muito da verossimilhança"³⁰. Referindo-se a essa mesma coletânea de contos, Dias da Costa criticava, em Bernardo Élis, "seu gosto exagerado pelo patético, forçando a nota trágica apenas para impressionar o leitor"³¹. Com uma opinião contrária à desse crítico, Bruna Becherucci, em 1966, comentando **Veranico de Janeiro**, afirmava que os termos violência e brutalidade não se adaptavam à obra de Bernardo Élis. Dizia ela: "Parece antes o caso de uma sinceridade exasperada, mas simples, sem nenhuma procura de efeitos: sóbria e crua, que contém toda a evidência da narrativa"³².

Analisar a produção literária de um autor implica fundamentalmente falar sobre a utilização que ele faz da linguagem para estruturar sua obra em seus vários níveis. Quando do aparecimento de seus primeiros livros, o caráter regionalista da linguagem dos textos de ficção de Bernardo Élis talvez tenha sido o aspecto dessa obra que maior impacto causou nos leitores. Por isso, esse ângulo de sua obra tem sido um dos mais estudados e discutidos, tendo despertado, nos críticos, as mais diversas reações. A grande maioria dos estudiosos que se pronunciaram sobre esse assunto vê, exatamente no emprego que Bernardo faz da linguagem, o seu maior mérito, o seu caráter de renovador do regionalismo, a sua grande força criadora. Outros críticos, entretanto, desaprovam esse tipo de linguagem. Na época da publicação de **Ermos e Gerais**, João Accioli considerava o fato de Bernardo Élis "repetir *ipsis literis* a linguagem do jeca — um defeito tipicamente Waldomiriano"³³. A esse respeito, assim se expressava Bruna Becherucci, em seu já mencionado artigo: "Talvez cons-

29 CORTES RIEDEL, Dirce. *Saga de Espanto* (I). *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1966.

30 ATHAYDE, Tristão. *Livros recebidos*. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 29 out. 1944. *Vida Literária*.

31 COSTA D. *Op. cit.*, p. 51.

32 BECHERUCCI, B. *Op. cit.*

33 ACCIOLI, J. *Op. cit.*

titua um obstáculo a esta leitura, podendo vir a complicá-la o uso de uma linguagem demasiadamente aderente à dos sertanejos, que completa os tipos, mas condiciona a narrativa". Contudo, a crítica mais radical nesse sentido é a de Domingos Carvalho da Silva, no artigo a que já nos referimos anteriormente. Falando de **Veranico de Janeiro**, ele afirma:

O objetivo aparente do Sr. Bernardo Élis neste livro é dar um colorido à linguagem dos sertões goianos, o que oferece, na verdade, um saldo diminuto no campo da literatura de ficção, já que em tal linguagem, o que se impõe é o pitoresco e não a clareza, a limpidez ou a graça no estilo. [. . .] a língua nacional já é local demais para ser fragmentada e obscurecida pelos linguajar dos vilarejos e sertões.

Não foi apenas o caráter regionalista da linguagem de Bernardo Élis que mereceu a atenção dos críticos. Contudo, não tínhamos tempo, aqui, de comentar os diferentes aspectos da linguagem da obra de nosso autor postos em evidência pela crítica. No entanto, no material crítico que examinamos há referência ao lirismo, à sonoridade, à imagética, ao poético da linguagem de Bernardo. "Van Gogh das letras", "Goya das letras goianas" são designações que lhe são atribuídas para mostrar a força, o colorido de sua expressão. Ézio Pires, após a leitura de **Veranico de Janeiro**, sensível aos aspectos picturais e sonoros da linguagem de Bernardo, afirmou que: "Saimos dessas histórias vendo e ouvindo coisas"³⁴. Um dos estudos mais abrangentes desses diferentes aspectos da linguagem de Bernardo, em **Veranico de Janeiro**, é o de Dirce Cortes Riedel, em seu artigo "Saga de Espantos", já mencionado anteriormente.

Dentre as múltiplas facetas da produção literária de nosso autor, que despertaram a atenção dos críticos, encontramos o cômico e o trágico, no dizer de uns, e o humor e o humor negro, no dizer de outros. Vejamos o que dizem alguns desses críticos a esse respeito. Para Gerson Castro Costa, Bernardo Élis "escreve tragédias em tom chistoso" e "apresenta os sofrimentos anônimos dos ranchos e das casas pobres de Goiás [. . .] na voz fanhosa de um comediante que faz rir de coisas tristes"³⁵. Segundo Herman Lima, a obra de Bernardo "apresenta uma prodigiosa reserva de humor temperada com vitríolo"³⁶. João Accioli, por sua vez, considera que "o nível da obra só decaí quando Bernardo Élis se aventura a fazer humorismo"³⁷. Já, Paulo Ronai, comentando **Veranico de Janeiro** afirma

34 PIRES E. Op. cit.

35 CASTRO COSTA, Gerson. *Ermos e Gerais*. Folha de Goyaz. Goiânia, 10 set. 1944.

36 LIMA, Herman. Bernardo Élis, grande regionalista moderno. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 19 dez. 1965. *Letras*.

37 ACCIOLI, J. Op. cit.

que, "no registro do cômico, Bernardo Élis é sobretudo um retratista admirável de tipos populares, observados com um senso de humor dos mais matizados" e que, além disso, "é um contista vigoroso e original no registro do trágico"³⁸. Gilberto Mendonça Teles vê, como "tônica geral" da obra de Bernardo Élis, "o fio negro desumano, do humor às avessas, do humor negro que eletriza o espírito como uma faísca de horror"³⁹.

Considerando que nos limitamos, aqui, ao estudo da recepção da obra de ficção de Bernardo Élis, não poderíamos concluir esta parte de nossa exposição sem nos referirmos à posição de alguns críticos, no que diz respeito ao seu domínio da técnica da narrativa. Sobre o contista estreante de **Ermos e Gerais**, assim se pronunciou Adonias Filho.

[...] *incide no erro da maioria dos nossos contistas. [...] conta e descreve simultaneamente. [...] Mas descrevendo, entregando-se totalmente à paisagem, o desastre é completo. [...] Desaparece a noção de espaço [...] O instrumento de moldura, que não se ignora indispensável ao conto regional [...] se converte em tremendo obstáculo.*

E Adonias concluiu: "Bernardo Élis jamais será um autêntico contista regional. O clima de sua obra, a desejar uma linha legítima, deverá inclinar-se mais para o homem e menos para a paisagem"⁴⁰. Herman Lima e Ildeu Brandão têm uma opinião contrária à de Adonias. Segundo Herman Lima, "ao contrário da maioria de nossos regionalistas a quem o excesso de paisagem mata muita vez o nervo da narrativa, Bernardo Élis não se perde em digressão dessa ordem"⁴¹. No parecer de Ildeu Brandão, Bernardo "abriu mão da natureza e voltou-se para o homem". Ainda sobre a técnica do conto, diz ele: "Bernardo Élis tem nesse domínio uma técnica aprimorada, com a qual dá-se até ao luxo de brincar, fugindo não raro do conto clássico"⁴². Vários outros autores se manifestaram sobre esse tópico, uns louvando a arte de Bernardo nesse domínio, outros, como Dias da Costa, considerando que "certos contos são apenas anedotas espichadas"⁴³. Outros críticos, ainda, examinando o percurso da narrativa de Bernardo Élis desde **Ermos e Gerais** até **Veranico de Janeiro** constataram

38 RONAI, P. Op. cit.

39 MENDONÇA TELES, Gilberto. *O Conto Brasileiro em Goiás*. Goiânia. Departamento Estadual de Cultura. 1969. p. 63.

40 FILHO, Adonias. *Ermos e Gerais de Bernardo Élis*. A manhã. 5 mai. 1945.

41 LIMA, H. Nota 3. p. 41.

42 BRANDÃO, I. Op. cit.

43 COSTA, D. Op. cit. p. 51.

seu amadurecimento artístico, uma evolução progressiva em sua técnica narrativa. Entre esses críticos, está Gilberto Mendonça Teles que comenta:

*Em Caminhos e Descaminhos, de 1964, e agora com Veranico de Janeiro, de 1966, o escritor goiano volta a afirmar a sua personalidade literária de contista, na linha de Ermos e Gerais, porém, numa atualidade que se evidencia na preocupação de novas formas e estruturas, deixando-se influenciar pelas experiências dos mais recentes romancistas, mas não em todos os contos, que a maior parte se resolve dentro da unidade narrativa, mas em alto nível literário.*⁴⁴

Infelizmente, o tempo de que dispomos não permite que citeamos outros exemplos. No entanto, acreditamos que o material apresentado até agora, foi suficiente para demonstrar, por um lado, o quanto o diálogo leitor/obra é dinâmico e que, ao tentar conhecer a obra de um autor através de uma única opinião corremos o risco de ter uma visão bastante parcial dessa obra. Por outro lado, esses exemplos são suficientemente eloqüentes para provar o que afirmamos anteriormente: “muito se falou sobre a obra de Bernardo Élis”.

A confirmação da segunda parte de nossa assertiva inicial — “pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis” — dependerá fundamentalmente dos elementos que apresentamos até o momento, o que justifica que nos tenhamos detido mais longamente sobre eles. Posto isso, torna-se necessário, agora, para se comprovar, de fato, porque dissemos que “pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis”, uma pequena precisão com relação a alguns conceitos de crítica. Para o tipo de reflexão que estamos fazendo e tendo em vista o material que estamos utilizando, vamos considerar apenas dois tipos de crítica: a crítica acadêmica e a chamada crítica jornalística.

Por **crítica acadêmica** entendemos aquela crítica praticada com rigor metodológico e teórico, que nem sempre “julga”, mas aprofunda conceitos e fundamenta suas asserções não só do ponto de vista teórico mas, também, apoiando-se em exemplos precisos e numerosos da obra analisada. Essa crítica se dirige, em geral, a um público especializado.

44 MENDONÇA TELES, G. Op. cit. p. 64.

Por **crítica jornalística** entendemos aquela que se diferencia da crítica acadêmica por uma certa dose de impressionismo, por seu não comprometimento com critérios de rigor metodológico ou embasamento teórico e, principalmente, por sua praxis explicitamente reducionista. Em críticas ou artigos predominantemente curtos, o autor desse tipo de crítica profere, como um juiz, uma sentença sobre o valor da obra, tenta enquadrá-la em um gênero, em uma escola ou tendência literária, tenta encontrar suas fontes de influência, compara-a a outras obras e, em dois ou três parágrafos se pronuncia, de modo generalizante, sobre características do texto que seriam assunto para vários estudos mais sistemáticos isolados. É o tipo de crítica que aparece nas colunas ou seções literárias de jornais e revistas⁴⁵. É importante sublinhar que o que chamamos de "praxis reducionista" da crítica jornalística não representa uma limitação da capacidade do crítico, mas, antes, uma injunção do espaço físico de que ele dispõe no jornal, e da função primordial que tal crítico exerce nesse espaço. Essa função é a de chamar a atenção de um público mais diversificado sobre o aparecimento de novos livros, sendo o crítico, portanto, levado a colocar em evidência os aspectos que lhe parecem mais relevantes nessas publicações.

Muito do que se falou sobre a obra de Bernardo Élis foi exatamente através dessa crítica jornalística. Não queremos dizer aqui que as numerosas críticas jornalísticas sobre os livros de nosso autor não sejam importantes. Ao contrário. Os autores dessas críticas, na sua grande maioria, estudiosos com vivência profunda do fenômeno literário, apontaram, com perspicácia, com argúcia, aspectos vitais da obra de Bernardo Élis. Porém, aqui, surge o grande problema desse tipo de crítica: seus autores, em geral, apenas **apontaram, mencionaram** a presença desses aspectos. Mas, com raras exceções, esse tipo de referência não é acompanhado de justificações teóricas, nem de exemplos concretos tirados da própria obra do autor analisado. Grande parte dos artigos que examinamos citam elementos presentes em um ou outro conto de um livro e, a partir daí, generalizam com relação a toda uma coletânea. Segundo esse critério, os críticos, geralmente se referem ao "realismo" ou ao "naturalismo" de Bernardo Élis, o comparam, como vimos, ora a Zola, ora a Maupassant ou outros escritores, sem apresentarem exemplos concretos extraídos dos textos, que fundamentem suas posições críticas. Da mesma forma, quando os críticos se referem ao caráter trágico ou cômico da obra ou das personagens, não explicitam as razões, nem os elementos constitutivos desse caráter trágico ou cômico. Há referências

45 Este é, de um modo geral, o caso das "resenhas", que constituem uma boa parte da crítica jornalística da obra de Bernardo Élis, no período que estamos examinando.

freqüentes à relação homem/natureza, à violência, ao erotismo presentes nos textos de Bernardo, embora os autores não se pronunciem sobre o real funcionamento desses elementos na estruturação das narrativas. Dá-se o mesmo com tantos outros aspectos da obra de Bernardo Élis, aspectos vitais, como dissemos anteriormente, cuja ocorrência é notada, mencionada, sem que o crítico nos esclareça de modo mais preciso ou mais aprofundado sobre eles. Ora, nós consideramos a generalização um dos grandes pecados da crítica e, em particular, da crítica literária. Essa é uma das razões pelas quais consideramos que “pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis”.

Deve se atentar, agora, para o fato de que grande parte das críticas sobre a obra de Bernardo Élis apareceu na época dos lançamentos de seus livros, das premiações ou das reedições dos mesmos. Dessa forma, nos períodos entre um e outro desses acontecimentos, havia sempre um vazio, um silêncio a respeito das obras de Bernardo. Além disso, se muitos foram os artigos sobre *Ermoes e Gerais* e sobre *Veranico de Janeiro*, a crítica se manifestou relativamente pouco com relação a *Caminhos e Descaminhos* e ao *Tronco*. Essa é também uma das razões pelas quais consideramos que “pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis”.

Com relação, ainda, ao comportamento da crítica, é interessante notar, no material que examinamos, a incidência de uma modalidade de crítica que poderíamos chamar de transposição do discurso competente⁴⁶. Em outros termos, o fato de personalidades de nosso mundo literário terem se posicionado favoravelmente sobre a produção de Bernardo Élis funcionou como um aval para os demais críticos. Assim, devido à forte credibilidade, em nosso mundo das Letras, desses primeiros críticos, ou ao fato de terem eles expressado o que outros gostariam de ter dito, muitos críticos que vieram depois desses primeiros, ao comentarem os livros de nosso autor citam, retomam o que “X” disse sobre tal aspecto da obra, o que “Y” disse sobre tal aspecto da obra. Assim, muito, também, do que se falou sobre obra de Bernardo Élis em muitas das críticas jornalísticas constitui uma espécie de resumo, de retomada das críticas anteriores. Temos aqui, outra razão para considerar que “pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis”.

Embora, para a presente conferência tenhamos nos limitado ao exame mais sistemático da crítica publicada entre 1944 e 1969, o comportamento da crítica parece não ter-se alterado muito com relação à obra de Bernardo Élis, de 1969 até esta data. Em outros termos, por um lado,

46 Utilizando uma expressão de Antoine Compagnon, poderíamos chamar esse tipo de crítica de crítica de segunda mão. Cf. COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris, Seuil, 1979.

temos uma crítica jornalística fértil e variada, na medida em que os artigos sobre nosso autor são numerosos e põem em evidência — embora não se detenham mais longamente sobre eles — os mais diversos aspectos da obra; por outro lado, temos uma crítica acadêmica reduzida, na medida em que são poucos os estudos feitos com perspectiva científica e com rigor metodológico; reduzida também, se considerarmos que grande parte desses estudos feitos com profundidade se ocupou principalmente daqueles aspectos que mencionamos no início desta: o caráter regionalista da obra, sobretudo o problema da transposição da oralidade e seu aspecto documentário, além de seu caráter de literatura de denúncia ou de cunho social. Dessa forma, após o estudo que fizemos sobre a recepção de Bernardo Élis, nossa impressão primeira se confirmou: muito se falou e pouco se falou sobre a obra de Bernardo Élis. Em 1966, Tristão de Athayde referindo-se à linguagem de Bernardo Élis dizia: "O estudo de seu estilo já está em ponto de merecer uma análise lingüística científica, tal a sutileza de sua oralidade"⁴⁷. Para concluir, vamos complementar o comentário de Tristão de Athayde, dizendo: a obra de Bernardo Élis merece várias análises científicas, com abordagens críticas diversificadas, tal sua riqueza em seus múltiplos aspectos, e a carência de crítica especializada sobre ela.

47 ATHAYDE, Tristão. Regionalismo Universalista. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1966.